

Primeira fase da instalação do estrangeirismo

ANA REBELLO DE ANDRADE

(Instituto Superior de Educação e Ciência, ISEC)

ANTÓNIO LAVOURAS LOPES

(Academia das Ciências de Lisboa)

Resumo da comunicação:

Os estrangeirismos surgem cada vez com mais frequência e maior número na imprensa, em publicações mais perenes e também na oralidade.

Trata-se de uma questão antiga mas, actualmente, de uma acuidade maior do que nunca dada a sua proliferação incontrolada.

Nesta comunicação são evidenciados alguns aspectos da instalação, numa primeira fase, do estrangeirismo em português. Para além das alterações fonéticas, no plano da oralidade, salienta-se também, no domínio da escrita, a adaptação morfológica através da atribuição das marcas de género e de número, assim como os tipos gráficos usados no seu registo.

O acompanhamento dos primeiros passos de adaptação de um estrangeirismo ao sistema lexical do português - titubeantes ensaios de diferentes soluções, formas concorrentes, etc... - permite reconhecer procedimentos linguísticos naturalmente normalizadores de que se procura dar conta.

Texto da comunicação:

1. O fenómeno da importação lexical foi um tema de grande actualidade ao longo dos séculos XVIII e XIX. A linguística comparada e histórica, ao mesmo tempo que realçava a importância das importações lexicais, procurava assumir um papel regulador em relação aos estrangeirismos. Tratou-se de uma luta ingloriamente travada, como o reconhece no início deste século Carolina Michaelis (s/d: p. 326):

“Todos os puristas que citei e os que deixei de citar, claro que lutaram e lutam debalde contra estrangeirismos em geral e em especial contra os galicismos. Nunca os poderão extirpar de todo.”

A linguística descritiva e estruturalista desviou naturalmente a atenção do fenómeno dos empréstimos, susceptível de ser entendido numa perspectiva essencialmente diacrónica, entretanto desvalorizada.

Saussure (1960:p.42) encara os estrangeirismos na perspectiva de uma sincronia estática, ou seja, como unidades no seio do sistema, numa relação natural com as outras palavras, sem curar da razão nem do processo do seu aparecimento, chegando mesmo a afirmar que: "(...) *le mot emprunt ne compte plus comme tel, dès qu'il est étudié au sein d'un système; il n'existe que par sa relation et son opposition avec les mots qui lui sont associés, au même titre que n'importe quel signe autochtone*".

Mas a adopção de um neologismo de importação não é um facto pontual e definitivo, num momento preciso. É antes um processo e, como tal, a sua observação e compreensão num dado estado da língua só é possível através de uma sincronia dinâmica, isto é, do acompanhamento da sua evolução durante um dado período. Tal como refere A.Martinet (1995:p.78): "*O que falta à maioria dos linguistas é a convicção de que a evolução das línguas pode ser um objecto de observação.*"

Os estudos sobre empréstimos interrompem-se então, visto o estruturalista/descritivista não encontrar razões válidas para o seu tratamento particularizado, na medida em que o estrangeirismo deve ser considerado como qualquer outro elemento constituinte da língua.

A partir dos anos 50-60, começam a surgir alguns trabalhos sobre importações lexicais, nomeadamente uma tipologia das palavras importadas publicada por E. Haugen nos anos 50, assim como uma estimativa elaborada por Georges Matoré e Jean Dubois acerca do lugar e da penetração dos elementos estrangeiros nos diferentes vocabulários técnicos franceses. A par destes trabalhos surge também um estudo levado a cabo por L. Guilbert sobre a inserção dos empréstimos lexicais no vocabulário francês da aeronáutica e da astronáutica.

Hoje em dia, o fenómeno da importação lexical começa a ser estudado de uma forma mais particularizada tendo começado a surgir, nos últimos anos, alguns trabalhos nesta área.

Relativamente ao português, a atitude perante o estrangeirismo começa a ser menos proscritiva e condenatória em favor de um interesse na anotação da sua entrada e na avaliação da sua possibilidade de adaptação ou substituição. Tal como refere Suzana Marcelino Cardoso a este propósito (1991.p.16 e seg.): "*O caminho talvez esteja na preferência, prioridade, para a língua portuguesa no encontrar caminhos que o idioma nacional oferece, sem, porém, deixar-se tomar de xenofobia, que imperre o desenvolvimento ou dificulte o aprendizado em decorrência da recusa à absorção de termos e formas não vernáculas.*"

2. O estrangeirismo insere-se, conceptualmente, dentro do quadro geral de um fenómeno linguístico complexo - o empréstimo linguístico - fenómeno esse que consiste na passagem de elementos (morfemas, lexias, regências, acepções) de um sistema A para um sistema B.

Essa transferência de elementos pode ter um carácter endógeno - passagem de elementos pertencentes a um determinado registo para outro no seio de uma mesma língua - o **empréstimo interno**, ou pode possuir um carácter exógeno - consistindo na passagem de elementos de uma língua A para uma língua B - o **empréstimo externo**.

O estrangeirismo situa-se precisamente neste segundo leque de empréstimos linguísticos, ou seja, naquele que consiste em importar lexias de uma língua A para uma língua B.

Dado que é sobre este conceito que se irá desenvolver a presente reflexão convém, desde já, ponderar sobre ele caracterizando-o e diferenciando-o de outros conceitos que lhe são correlatos - o peregrinismo, o xenismo, o empréstimo e o neologismo de importação.

3. O termo **estrangeirismo** é muitas vezes usado para designar lexias ou formantes de lexias que, independentemente do seu uso corrente e relativamente generalizado, apresentam características, sobretudo do ponto de vista gráfico, das respectivas línguas estrangeiras. O estrangeirismo representaria assim uma fase precambular na importação da palavra de uma língua A para uma língua B, fase essa em que ainda não existiria uma conformidade¹ real da palavra com o sistema da língua de acolhimento.

Ora, a acreditarmos em alguns dicionários, listas de estrangeirismos e outros trabalhos similares existentes no nosso mercado editorial, o estrangeirismo tanto pode representar a primeira fase, algo precambular, da importação de uma palavra estrangeira (sem modificações substanciais relativamente à língua de partida) como uma palavra já com elevado grau de adaptação na língua de chegada.²

A falta de consensualidade na relação não unívoca entre termo/conceito torna penosa a utilização do mesmo (visto ser altamente polissémico) e pretendemos no âmbito deste trabalho que ao termo estrangeirismo corresponda uma única acepção - aquela que diz respeito à primeira fase na importação de uma lexia quando ainda não existe conformidade real da mesma na língua de acolhimento.

O caminho percorrido pelo estrangeirismo até à sua total integração na língua de acolhimento pode ser escalonado em vários graus indo desde as primeiras alterações fonológicas e incipientes tentativas na atribuição de marcas de género e número (a primeira fase de adaptação que denominámos de precambular - e que será tratada na segunda parte desta comunicação), passando por uma procura ainda instável, através das várias tentativas entre as formas ortográficas concorrentes (segunda fase de adaptação e cujo termo adequado para essa lexias nos parece ser o de peregrinismo), desembocando em formas cada vez mais estabilizadas, fase essa em que a lexia já se conformou em grande parte com os vários níveis - ortográfico, morfológico, fonológico, sintáctico, semântico e tipográfico, mantendo ainda um sentido de novidade (terceira fase de adaptação e cujo termo correcto para esse estágio de lexicalização da palavra nos parece ser o de neologismo de importação), até à consagração numa forma resultante de um *processo de assimilação*, e que, sendo uma palavra nova na língua de acolhimento (empréstimo), deixa de ser sentida como um corpo estranho no acervo lexical da língua receptora.

Resta-nos esclarecer que a integração de uma lexia num sistema alheio ao seu é contínua e é raramente feita de forma homogénea. Uma lexia pode estar totalmente integrada do ponto de vista morfológico (estabilizada quanto à atribuição de marcas de género e número) e nada integrada do ponto de vista gráfico (mantendo, predominantemente, a grafia da língua de partida). J.Tournier (1985:p.320) partilha esta opinião ao afirmar que:

"(...) il n'y a pas de démarcation objective, même du point de vue synchronique le plus strict, entre intégré et non-intégré: l'intégration est un processus continu et, dans un état de langue donné, les lexies empruntés sont plus ou moins intégrées (...)"

Sendo a primeira fase na importação de uma lexia de uma língua de partida para uma língua de chegada designada, doravante, pelo termo **estrangeirismo** resta-nos esclarecer as noções de xenismo, peregrinismo, empréstimo e neologismo de importação.

O **xenismo**, tal como o próprio radical de origem grega (*xeno-*) indicia, exprime a ideia de estrangeiro. O xenismo é assim uma palavra estrangeira que permanece estrangeira impermeável a qualquer nível de adaptação relativamente ao sistema linguístico da língua que o acolhe. O xenismo reporta-se na sua maioria de uso a um referente específico e muito próprio na língua de partida, referente esse que não tem «traduzibilidade». Nesta categoria costumam-se arrumar os nomes próprios, topónimos e determinadas outras realidades particulares da cultura e da vivência dos países em questão, sendo muitas vezes apresentado, sob a forma de citação nos textos.

O **peregrinismo**, por sua vez, remete para uma segunda fase na instalação da palavra na língua de acolhimento. A lexia assemelha-se nessa fase a um autêntico peregrino, numa caminhada ainda incerta e hesitante para uma conformidade a vários níveis com a língua de acolhimento - prova disso são os vários ensaios ortográficos para uma mesma palavra (chintz, chinteze, schintz < *do inglês chintz*). O peregrinismo apresenta ainda alguma instabilidade a nível dos tipos gráficos, aparecendo grafado ora a redondo, ora a itálico, ora entre parêntesis (Kilim; *Kilim* e *kelim*³; «kilim» < *do turco através do francês*)⁴.

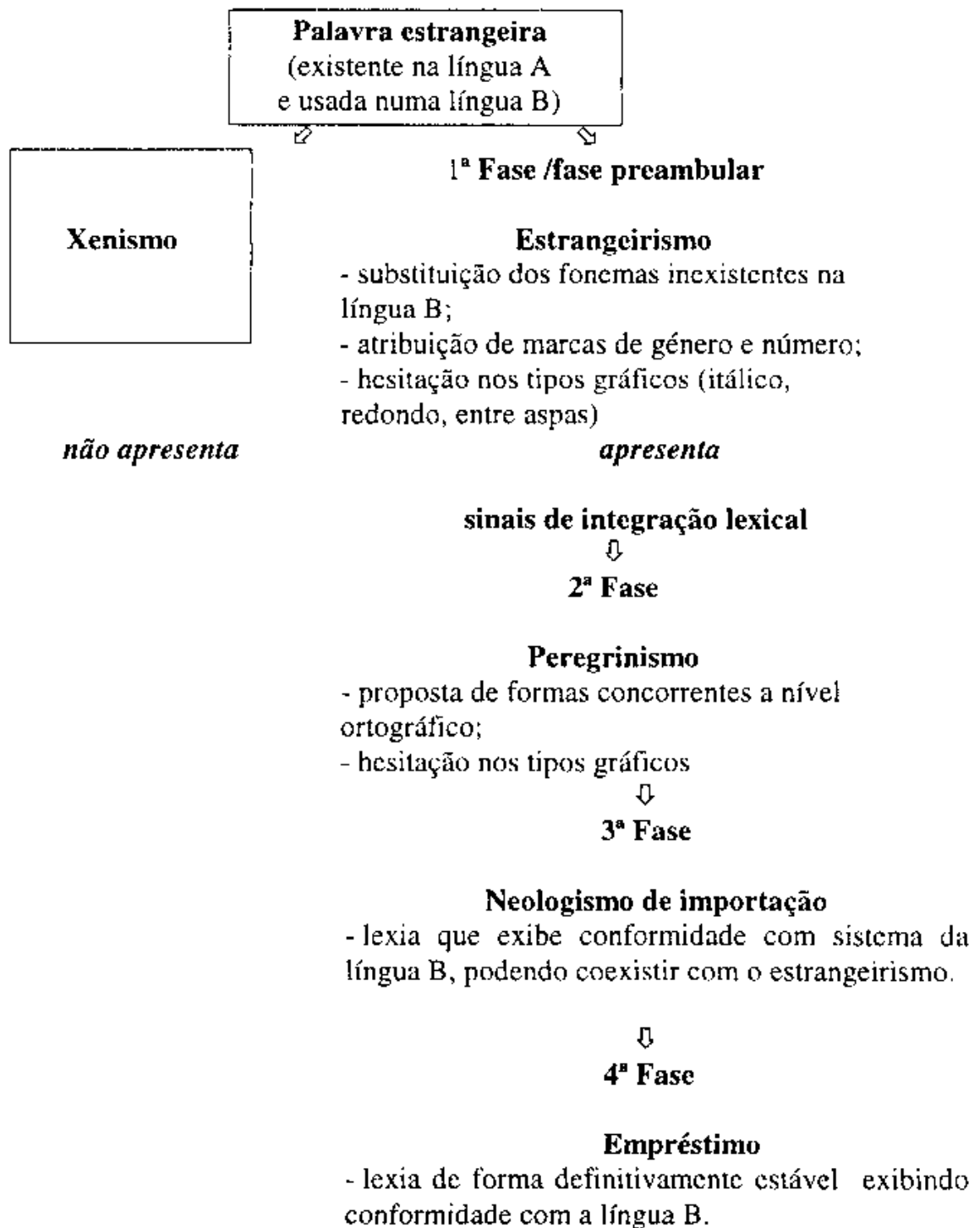
Acresce dizer que são, também, várias vezes utilizados os termos empréstimo ou importação para designar esta fase relativa à instalação da palavra na língua receptora, provando, mais uma vez, que a terminologia portuguesa relativa ao fenómeno do empréstimo linguístico não é, de forma alguma consensual. Teria sido interessante elaborar uma proposta terminológica para este fenómeno linguístico. Não cabe, no âmbito desta comunicação, propor soluções terminológicas neste domínio, deixando essa questão em aberto para futuros trabalhos nesta área. Pretendemos sim que, no âmbito deste trabalho, às designações atribuídas correspondam as definições elaboradas.

Assim entendemos que, no decurso desta comunicação, **neologismo de importação** será entendido como uma palavra em grau de avançada lexicalização. Nessa fase a lexia já se conformou totalmente com o sistema da língua receptora, mantendo ainda por vezes a coexistência entre a forma já lexicalizada e o estrangeirismo⁵. Apesar da manifesta integração não existe, ainda, uma *assimilação* do vocábulo pelo léxico de acolhimento.

PRIMEIRA FASE DA INSTALAÇÃO DO ESTRANGEIRISMO

Essa assimilação dá-se, numa fase posterior, a última neste processo contínuo de integração da lexia na língua receptora, quando a palavra deixa totalmente de ser sentida como um corpo estranho no léxico de chegada. A essas palavras chamámos de **empréstimos**⁶.

4. Representação dos termos/conceitos abordados



5. O estrangeirismo, como signo linguístico, é importado com as suas duas faces indissociáveis - significante e significado. Uma vez entrado no novo sistema linguístico, pode sofrer alterações nestas duas dimensões. No plano do significado, a unidade importada transporta normalmente apenas um sentido ou acepção, que, por seu turno, pode ser alterado ou alargado na língua de acolhimento. Mas é ao nível do significante que, num primeiro momento, as transformações mais sensíveis se verificam.

O significante é constituído por duas dimensões, que são objecto de transformação em separado - a imagem acústica e a imagem gráfica, ou seja, a sequência fónica e a representação escrita. Esta última é transposta intacta da língua de origem. O mesmo não sucede com a configuração fónica, constituída não raro por sons estranhos aos hábitos articulatorios dos falantes do novo sistema. É a imagem acústica, a mais vulnerável, aquela que sofre o primeiro impacto na nova língua.

6. No momento de chegada, introduzida normalmente por um falante bilingue, a palavra estrangeira mantém todos os traços que a caracterizam na língua de origem. As alterações dão-se quando passa a ser usada pelo falante médio, não bilingue, desconhecedor da fonologia da língua de proveniência. A descaracterização da imagem acústica é então um facto, e o primeiro passo no sentido de uma integração está dado. É o caso, por exemplo, de *whisky* e *whist*, em que a sequência inicial (semivogal-vogal) é estranha ao sistema fonológico do português. A adaptação é então imediata, começando por se substituir a semivogal pelo som que lhe está mais próximo - a vogal [u]. Ou ainda, entre tantos outros, o caso de *jazz*, em que a africada inicial tem a realização de palatal simples.

Enquanto a nível da imagem acústica ocorrem, muito cedo, alterações deste género, o estrangeirismo continua, durante muito tempo, a ser grafado sem qualquer modificação, mantendo-se assim a imagem gráfica.

Na actualidade, em que a escrita é via de entrada de estrangeirismos com tráfego mais intenso do que o oral, a imagem gráfica torna-se a mais representativa e perdurável. Saussure (1960:p.46) diz-nos que: "(...) *l'image graphique des mots nous frappe comme un object permanent et solide, plus propre que le son à constituer l'unité de la langue à travers le temps.*"

De tal modo que, em muitos casos, quando surgem as primeiras tentativas de adaptação ortográfica, assiste-se a reacções de inaceitabilidade, como que se os falantes se sentissem espoliados de uma imagem que já lhes pertence, por ter adquirido uma certa fixidez. Este tipo de reacções é denotador do grau de integração do estrangeirismo como unidade corrente na língua.⁷

O número de estrangeirismos cuja configuração fónica não se adequa aos padrões fonéticos do português é elevado. É o caso, por exemplo, das palavras inglesas iniciadas por *h*, como *hall* e *hardware*, grafema que tem valor fonético, ao contrário do que sucede no português. A aspiração inicial desaparece com o alargamento de uso, passando a soar artificial ou afectada a pronúncia com a sua manutenção. Ao mesmo tempo, em *hall*, por

exemplo, perde-se o carácter longo da vogal, já que a variação em quantidade não é característica do português.

Esta adequação fonológica inicial dá-se nos estrangeirismos com um âmbito alargado de uso. Não ocorre nas citações ou xenismos, cujo âmbito de emprego dificilmente vai além dos falantes bilingues.

7. A solidez da imagem gráfica é um dos factores determinantes da permanência como estrangeirismo da unidade importada. São numerosos os estrangeirismos que se mantêm como tal durante dezenas de anos. *Abat-jour*, *chaise-longue*, *clown*, *dandy*, *stock*, por exemplo, registados no dicionário Morais, 8ª edição, de 1890 (a primeira que contém um apêndice de palavras estrangeiras), mantêm-se na 10ª edição, de 1949-1959, constam de dicionários mais modernos e são, de facto, de grande vitalidade na língua corrente, referenciados actualmente com frequência na imprensa.

Quando a sequência gráfica se revela vulnerável, inicia-se a última fase de integração, através do aportuguesamento, ou seja, a representação gráfica da sequência fónica já consagrada pelo uso. O aportuguesamento pode ser mais lento e hesitante, como no caso de *abat-jour* (em *abaju* e *abajur*), pode nunca ocorrer, como em *clown* ou *apartheid*, ou pode ser imediato, após a entrada do estrangeirismo, como sucede com *byte* em *baite* ou *cafeteria*, em *cafetaria*. As razões destas diferenças de comportamento, de natureza linguística e extralinguística, são determináveis, mas ultrapassam já a “primeira fase da instalação do estrangeirismo”, âmbito a que se circunscreve a presente reflexão.

Enquanto o aportuguesamento ou substituição do estrangeirismo não ocorre, ou seja, enquanto este se mantêm na realização escrita, são detectáveis indicadores do seu grau de integração na língua de acolhimento. Os tipos gráficos usados são significativos. Assim, num primeiro momento, todos os estrangeirismos são normalmente assinalados com aspas ou escritos em itálico. O sentimento de novidade leva à observância deste preceito. Quando essa sensação de estranheza se perde, o falante tende a esquecer o formalismo, e o vocábulo estrangeiro pode surgir na mancha do texto sem qualquer marca. Nesta fase, embora continue a ser respeitada a grafia de origem, o vocábulo estrangeiro, por razões essencialmente pragmáticas - frequência e necessidade de uso -, recebe honras de vernáculo. É o reconhecimento tácito de que o estrangeirismo é já uma unidade funcional da língua que daqui se deduz, ou seja, um passo firme da sua integração linguística.

Na imprensa encontramos estrangeirismos grafados em itálico ou com aspas, a par de outros sem qualquer sinal a referenciá-los. Só aparentemente é que se trata de um critério aleatório ou falta de rigor da escrita. Vejamos alguns exemplos.

Numa entrevista a João Lobo Antunes, na “Revista” do “Expresso”, de 21-12-1996, surgem estrangeirismos marcados, como *achiever*, *full-time* e *hobby*, e não marcados, como *performance*, *bridge* e *nuance*. Esta diferença pode revelar diferentes graus de integração para cada um destes conjuntos. Para além das razões pragmáticas - valor de uso - não será alheio ao diferente tratamento o facto de os significantes do segundo conjunto, tanto na imagem acústica como na imagem gráfica, se aproximarem mais dos padrões vernáculos do português do que os do primeiro.

O registo escrito do estrangeirismo não assinalado como corpo estranho pode, assim, ser sinal de fácil acomodação linguística. Mas pode também ser sinal de perenidade de um significante que o uso consagrou, embora afastado dos padrões vernáculos. É o caso de termos técnicos banalizados e de uso muito alargado, como *hardware* e *software*, do domínio da informática, que surgem frequentemente na imprensa sem qualquer marca tipográfica. No “Expresso” (XXI), de 12-12-1996, na mesma frase, surge, a par de *boom* (marcado), *hardware* (não marcado).

Em “A Capital”, de 27-12-1996, p. 16, ocorrem, no mesmo texto, *boyfriend* e *paparazzi* (com aspas), *shopping* (em itálico) e *talk show* (em redondo), distribuição que pode ser reveladora da maior aceitabilidade do último estrangeirismo por parte do autor do texto.

No “Expresso” (“Revista”), de 21-12-1996, p. 102-104, parece não ser casual a distinção, no mesmo trabalho, entre algumas unidades do vocabulário da moda:

t-shirt, top, tailleur, designer (com aspas) e *jersey, bikini* (em redondo). Ainda neste jornal (“Revista”), de 18-11-1997, p. 61, surgem, no mesmo texto, vários estrangeirismos assim distribuídos: *easy listening, dancing girls, artwork, cocktail, headline, kitsch, marketing* (marcados) e *pop, rock, jazz, swing*, (não marcados). Estas últimas unidades têm a caracterizá-las o facto de serem termos da música que designam realidades concretas, cuja existência e uso são inquestionáveis, devido à sua univocidade e à indisponibilidade de alternativas vernáculos. Este carácter de obrigatoriedade de uso confere-lhes um estatuto próximo do das unidades vernáculos, que a escrita deixa transparecer.

Na seguinte passagem do “Público”, de 28-5-1997, p. 27, surge igualmente clara a diferença entre *rock* - termo técnico insubstituível - e *teenager* - vocábulo da língua comum: “Bryan Adams, 37 anos, o canadiano eternamente jovem que vende milhões de discos em todo o mundo com baladas *rock* dirigidas aos *teenagers*, trouxe a Lisboa a sua filosofia simples, roqueira [...]”.

8. Ao mesmo tempo que se processa a adaptação fonológica e ortográfica dos estrangeirismos, verifica-se também a sua adequação à morfologia e à sintaxe da língua de acolhimento, o que sucede, igualmente, numa fase avançada.

Entretanto, ainda durante a permanência da unidade importada com o estatuto de estrangeirismo - com a grafia de origem -, são dados, bastante cedo, alguns passos no âmbito morfológico. Trata-se da adequação às categorias de género e número da língua de acolhimento, neste caso do português. Esta adequação, tal como a adaptação fonológica inicial, é realizada na massa falante, ou seja, através da norma social, sancionada posteriormente pela norma gramatical.

Em português, língua com a categoria de género gramatical, todos os substantivos se repartem obrigatoriamente pelo masculino e pelo feminino. Não sucede o mesmo com o

inglês, em que existe apenas o género natural (masculino e feminino dos substantivos que designam seres animados), língua de onde provém actualmente a grande massa de estrangeirismos. Assim, no caso dos substantivos ingleses não animados, a adaptação de um traço morfológico verifica-se no acto da sua entrada, através da atribuição do género gramatical - masculino ou feminino. O sistema da língua de acolhimento, ao seleccionar um dos géneros, está desde logo a abrir caminho para a sua integração.

Os critérios linguísticos para a atribuição do género são mal conhecidos. M. Pergnier (1989:p. 39) considera-os largamente misteriosos chegando a referir que: "*Les raisons de la masculinisation ou de la féminisation des emprunts sont largement mystérieuses (c'est-à-dire non étudiées) à l'heure présente, aussi ne nous y attarderons-nous pas ici.*". Nos empréstimos recentes o género é flutuante⁸, já que não existem regras fixadas, verificando-se, por vezes, hesitações entre o masculino e o feminino, ou seja, tentativas de acomodação ao sistema da língua de acolhimento.

J. Humbley (cf.1974:p.67) aponta como regra geral, na entrada dos substantivos não animados do inglês no francês, a atribuição do género masculino (cerca de 90 por cento), verificando-se nos restantes a atribuição do feminino por razões linguísticas, tais como a terminação e a atracção sinonímica e homonímica. Relativamente ao português, a situação é semelhante - a atribuição do masculino, o género não--marcado, é a regra. Tal como refere M.I.Alves (1990:p.81): "*Nos casos em que o elemento estrangeiro provém de idiomas em que não há flexão em género, como o inglês, o item lexical emprestado costuma adoptar o género masculino, o não-marcado.*" As excepções à regra são linguisticamente motivadas, ou seja, são observadas restrições gramaticais.

Vejamos alguns estrangeirismos (de origem inglesa):

1.

1.1. *american dream, airbag, aquapark, blazer, full-time, lobby;*

1.2. *brainstorming, karting, leasing, meeting, zapping;*

1.3. *back-up, chip, club, flashback, input, kart;*

1.4. *blackout, layoff, layout, offset, pullover;*

2. *coffee shop, pipeline, reengineering, sample;*

3.

3.1. *bazooka, parka;*

3.2. *checklist, choice, garden party, hot line, internet, pop music, t-shirt;*

3.3. *holding, trading;*

4. *deadline, downtown, fast-food, password, remake, jeans, pool.*

Em 1. temos estrangeirismos que surgem na imprensa sempre com o género masculino. Em 1.1., para além da aplicação da regra geral, verifica-se uma motivação linguística-

-atração exercida pelos correspondentes vernáculos, respectivamente, **sonho, saco, parque, casaco, tempo, grupo**. As unidades de 1.2., com a terminação *-ing*, estranha à morfologia do português, e não existindo qualquer motivação linguística, ficam sujeitas à regra geral - masculinas. A regra aplicar-se-á igualmente às unidades de 1.3, por, na ausência de motivação, terem terminação não usual em português (oclusiva). Os substantivos de 1.4., não encontrando também qualquer motivação linguística no português, com a sua configuração exótica, só poderiam receber o género não-marcado, o masculino.

Em 2., embora se possa encontrar uma motivação linguística para atribuição do feminino - a atração sinonímica dos vernáculos **loja, linha, engenharia, amostra** -, o certo é que ocorrem na imprensa sempre no masculino. Não será aquela motivação suficientemente forte, capaz de contrariar a regra geral. Além disso, ocorrerão, ao mesmo tempo, razões específicas para atribuição do género masculino. Note-se, por exemplo, que *coffee shop* pode ser atraído para o paradigma de 1.3. (anglicismos terminados em consoante oclusiva e, por isso, masculinos), tal como *reengineering* pode ter o mesmo comportamento das unidades de 1.2. (terminação em *-ing*). Em termos de restrições, verificar-se-ia uma tensão entre o critério semântico e o morfológico. Ao mesmo tempo, parece assistir-se ao efeito da lógica interna dos subsistemas constituídos por unidades estrangeiras dentro do sistema da língua receptora.

Em 3. temos sempre o género feminino. Em 3.1., a restrição radica na terminação *-a*, entendida em português como morfema de feminino. Em 3.2., o género resulta da atração sinonímica - os vernáculos **lista, escolha, festa, linha, rede, música, camisa**. Em 3.3. deparamos com dois desvios do paradigma dos substantivos provenientes do inglês terminados em *-ing* (sempre masculinos). Neste caso, a tensão verifica-se entre a lógica interna do subsistema e a motivação semântica (trata-se de tipos de empresas ou companhias), sendo esta mais forte. Finalmente, em 4., temos alguns exemplos de anglicismos que reflectem motivações cruzadas, já que surgem na imprensa ora no masculino ora no feminino.

A flexão em número, no caso da entrada de palavras inglesas, não assume o mesmo grau de complexidade. O desrespeito das regras inglesas de formação do plural, nem sempre coincidentes com as do português, se, em princípio, revela insuficiência no conhecimento da língua estrangeira, constitui igualmente um dos primeiros passos da integração do estrangeirismo. Efectivamente, a formação do plural de acordo com as regras do português é sinal de assimilação linguística.

A forma *disc jockeis*, como plural de *disc jockey*, encontrada na imprensa ("Expresso - Revista", 24-8-1996, p. 35), em vez da forma correcta *disc jockeys*, denuncia a integração da sequência final de plural num paradigma do português (*-eis*, como em *reis e leis*) e a rejeição da sequência espúria (*-ys*). Trata-se de uma adequação parcial do estrangeirismo à morfologia e à ortografia do português, indicadora do acolhimento que lhe é dispensado. O mesmo se verifica com a flexão de *media* (plural em inglês) em *medias*, porque a

morfologia do português exige o morfema *-s* como marca de todos os plurais. A observância deste princípio, neste caso, é bem reveladora do processo de integração do anglicismo. Aliás, a mesma solução foi encontrada para situações semelhantes na passagem do latim ao português, como o plural *folia*, que deu *folha e folhas*, tipologia que tem posteriormente funcionado como padrão na adaptação de palavras estrangeiras.

Com alguns italinismos verifica-se a mesma lógica de integração. É o caso de *paparazzi* (plural de *paparazzo*), tomado como singular e submetido à regra geral na formação do plural - *paparazzis* (“Nem só de *paparazzis* reza o cinema.”, *Sete*, 15-4-1993, p. 29).

A submissão às regras de flexão em número do português, a par de outros traços assimiladores, retira a estas unidades o carácter puro de palavras estrangeiras e confere-lhe indiscutivelmente o estatuto de estrangeirismo, esse corpo linguístico paradoxalmente estranho e rejeitado, mas amplamente usado.

A imagem gráfica do estrangeirismo persiste mesmo para além do momento em que a sua funcionalidade se traduz em produtividade, como base de derivados, criando hibridismos muito frequentes, ou seja, formações com base estrangeira e afixo português. São exemplos, entre outros que ocorrem na imprensa, *clownesco* (“[...] recursos expressivos do universo clownesco.”, “*Expresso - Cartaz*”, 25-6-1994, p. 16) e *jazzístico* (“[...] improvisação no estilo jazzístico.”, *Jornal de Letras*, 26-3-1997, p. 3).

Num estágio posterior, o radical pode surgir totalmente adaptado no derivado, mas nunca ocorrer aportuguesado como unidade autónoma. É o caso do ing. *rock*, cuja imagem gráfica tem sido totalmente preservada, com excepção da sua presença no derivado *roqueiro*, como se vê na passagem do “*Público*” acima já transcrita.

9. O estrangeirismo, unidade de uma língua estrangeira com funcionalidade no léxico de outra língua, por razões sociolinguísticas - usado pelo falante médio - e pragmáticas - uso alargado -, mantém a imagem gráfica de origem, mas revela alguns sinais de acomodação ao novo sistema linguístico, nomeadamente na fonologia, na morfologia e na apresentação escrita.

O significante é a parte emblemática do estrangeirismo, sendo a imagem gráfica a que perdura sem alterações. A imagem acústica é a dimensão do signo estrangeiro a sofrer os primeiros efeitos do novo sistema linguístico, um sinal de acolhimento por parte deste. A representação gráfica é, em princípio, marcada na escrita, mas as marcas podem ser significativamente abandonadas, sintoma de aceitabilidade.

A interacção da unidade estrangeira com a gramática da língua de acolhimento leva a que adquira comportamentos desconhecidos ou diversos dos da língua de origem. A sujeição às novas regras gramaticais, nomeadamente flexionais, em género e número, e também na formação de derivados, constitui um passo no caminho da integração, muito embora se observe a preservação da imagem gráfica. Esta poder-se-á transformar, através da adaptação ortográfica, momento da integração plena, mas poderá, também, apagar-se, sem que a importação se anule, ficando o significado, sob a forma de tradução ou decalque.

Também pode suceder que o estrangeirismo caia em desuso, deixando de se consumir a unidade neológica.

Em qualquer dos casos, a vitalidade do significante é tal, que não raro perdura para lá da integração plena do estrangeirismo. Pode manter-se e coexistir com o próprio aportuguesamento, como forma concorrente (exemplo: *dandy* e *dândi*, *whisky* e *uísque*, *whist* e *uísté*, *stock* e *estoque*), com o decalque (exemplo: *aquapark* e *parque aquático*, *full-time* e *tempo inteiro*) ou com a tradução (exemplo: *hobby* e *passatempo*, *lobby* e *grupo de pressão*). Pode ainda coexistir com duas formas concorrentes - aportuguesamento e tradução -, como *abat-jour*, *abajur* e *quebra-luz*. Em todas as situações, o estrangeirismo revela uma consistência que não advém do significado presente nas formas concorrentes -, mas do significante, muito especialmente da imagem gráfica, hipervalorizada pelo predomínio da escrita.

NOTAS:

¹ A nível fonético o «estrangeirismo» não existe, dado que o falante não bilingue, ao usar a palavra, adapta-a sempre ao sistema da língua de acolhimento substituindo sons nela inexistentes por outros nela presentes. Esta adaptação revela uma óbvia integração a esse nível na língua de chegada.

² Em Alves da Costa, Francisco. 1990. *Dicionário de Estrangeirismos*. Lisboa:Editorial Domingos Barreira e relativamente a modalidades desportivas a forma *futebol* (perfeitamente lexicalizada) ladeia formas como *full-contact* (verdadeiro estrangeirismo, porque ainda não concluiu o seu percurso de adaptação ao sistema da língua de chegada).

³ É interessante notar que *kilim* apresenta duas formas ortográficas (*kilim* e *kelim*) ambas registadas com o mesmo tipo gráfico, neste caso o itálico. Apesar de *kelim* revelar um desvio relativamente à forma original (*kilim*) o autor do texto ainda sente esta lexia como «estrangeira» tendo optado por escrevê-la em itálico.

⁴ Os exemplos, no domínio da decoração, utilizados nesta comunicação encontram-se atestados no corpus DECOR, elaborado aquando da dissertação de mestrado, *As Palavras Importadas no Léxico da Decoração*, apresentada à F.L.U.L em 1996 por Ana Margarida Rebello de Andrade. O referido corpus linguístico foi constituído para análise do grau de lexicalização das importações vocabulares na linguagem especializada da decoração. Parte do corpus DECOR pertence ao CRPC (Corpus de Referência do Português Contemporâneo) em elaboração no C.L.U.L. (Centro de Linguística da Universidade de Lisboa).

Os outros exemplos mencionados fazem parte da recolha que tem vindo a ser feita na imprensa por António Lavouras Lopes na Academia das Ciências.

⁵ Um bom exemplo para um *neologismo de importação* poderia ser a palavra *chalet* ainda dá mostras de algumas hesitações entre a forma lexicalizada *chalé* e o estrangeirismo *chalet*.

⁶ Optámos pelo termo *empréstimo* por ser o termo consagrado na terminologia portuguesa apesar de nos parecer conceptualmente desadequado tal como já foi referido em Rebello de Andrade, Ana M. 1996. *As Palavras Importadas no Léxico da Decoração*, dissertação de mestrado apresentada à F.L.U.L, Lisboa, (inédita).

⁷ A sensação de estranheza é frequente por parte dos falantes do português europeu face a aportuguesamentos usados apenas no Brasil (ex. *black-out* > *blecaute*), sobretudo os que sabem inglês e vêem deste modo perdida a motivação morfológica do vocábulo.

⁸ Cf. M. Pergnier (1989:p.40)

BIBLIOGRAFIA:

- ALVES, MARIA IEDA.1990. *Neologismos - Criação lexical*, São Paulo: Ed.Ática
- CARDOSO, SUZANA.A.M.1991.Empréstimos: Uma Questão Lingüística e/ou Político-Cultural? *RILP*, Vol 5/6, Lisboa: Associação das Universidades de Língua Portuguesa.
- HUMBLEY, J. 1974. Vers une typologie de l'emprunt linguistique. *Cahiers de lexicologie*, vol. XXV, Paris : Didier- Larousse.
- MARTINET, ANDRÉ. 1995. *Função e Dinâmica das Línguas*, Coimbra :Almedina.
- PERGNIER, MAURICE. 1989. *Les Anglicismes*, Paris: PUF.
- SAUSSURE, FERDINAND.1960. *Cours de Linguistique Générale*, publ.por Charles BALLY e A.SECHEHAYE, Paris:Payot.
- TOURNIER, J.1985.*Introduction descriptive à la lexico-génétique de l'anglais contemporain*, Paris-Genève: Champion-Slatkine.
- VASCONCELOS, CAROLINA MICAELIS. (sem data). *Lições de Filologia Portuguesa*, Porto: Dinalivro.
- Dicionário de Moraes* (de ANTÓNIO MORAIS E SILVA), 8ª ed., Fluminense, 1890, Lisboa, e 10ª ed., Confluência, 1949-1959, Lisboa.